



POSICIONAMENTOS DA DIFFÉRANCE: A DESCONSTRUÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA DO MUNDO DA VIDA

Positions of Différance: Deconstruction as a Strategy for Reading the Lifeworld

CAIO MONTEIRO SILVA*
HERNANI PEREIRA DOS SANTOS**

Posicionamientos de la Différance: La Deconstrucción como Estrategía para Leer el
Mundo de la Vida

Resumo: Este ensaio teórico se propõe a pensar possibilidades de leitura a partir da estratégia de Desconstrução inspirada no pensamento de Jacques Derrida, construindo-se como uma incursão metodológica e que tem pretensões de contribuir com a discussão epistemológica sobre a pesquisa em torno do fenômeno (ou o discurso) em ciências humanas. Em um primeiro momento, são propostas pistas para uma leitura derridiana do fenômeno que, enquanto tal, demonstra possuir uma estrutura textual. Para tanto, parte-se da centralidade do conceito de Différance e como ele circunscreve a possibilidade de um objeto de análise da estratégia desconstrucionista – a errância do sentido, que considera, simultaneamente, sua dinâmica e estrutura. Na sequência, define-se esta perspectiva de leitura como uma estratégia de análise/leitura do mundo da vida, mostrando como pode contribuir o conceito de realidade enquanto texto para tal discussão. Por fim, esboça-se uma síntese dos elementos fundamentais dessa estratégia. Conclui-se este ensaio com a sugestão de que o mundo da vida cotidiano é constituído por uma história de contingências e atravessamentos e por uma verticalidade que, sem se comprometer com a ideia de uma arché última, tem um centro que, contudo, não é idêntico à subjetividade, mas seu produtor – a estrutura e dinâmica da Différance.

Palavras-chave: Desconstrução; Différance; Epistemologia; Mundo da vida.

Abstract: This theoretical essay aims to consider reading possibilities from the strategy of deconstruction inspired by Jacques Derrida's thinking, constructing itself as a methodological foray and as intended to contribute to epistemological discussion about research on the phenomenon (or the Discourse) in Humanities. At first, clues are proposed for a Derridean reading of the phenomenon that, as such, demonstrates a textual structure. To this end, the essay starts from the centrality of the concept of Différance and how it circumscribes the possibility of an object for deconstructionist strategy analysis – i.e., the errancy of meaning, which simultaneously considers its dynamic and structure. In the following, this perspective of reading is defined as a strategy of analysis/reading of the lifeworld, showing how can contribute the concept of reality as a text to such discussion. Finally, a synthesis of the fundamental elements of this strategy is outlined. This essay concludes with the suggestion that the everyday lifeworld is made up of a history of contingencies and crossings and of a verticality that, without committing to the idea of a last Arché, has a center that, however, is not identical to subjectivity, but is its producer – the very structure and dynamics of the Différance.

Keywords: Deconstruction; Différance; Epistemology; Lifeworld.

Resumen: Este ensayo teórico tiene como objetivo considerar la lectura de las posibilidades de la estrategia de deconstrucción inspirada en el pensamiento de Jacques Derrida, construyéndose como una incursión metodológica y, como se pretende contribuir a la discusión epistemológica de la investigación sobre el fenómeno (o el discurso) en las humanidades. Al principio, se proponen pistas para una lectura derridiana del fenómeno que, como tal, demuestra una estructura textual. Con este fin, el ensayo comienza desde la centralidad del concepto de Différance y cómo circunscribe la posibilidad de un objeto para el análisis de la estrategia desconstrucionista, es decir, la errancia del significado, que considera simultáneamente su dinámica y estructura. A continuación, esta perspectiva de lectura se define como una estrategia de análisis/lectura del mundo de la vida, que muestra cómo puede contribuir con el concepto de realidad como un texto a dicha discusión. Finalmente, se describe una síntesis de los elementos fundamentales de esta estrategia. Este ensayo concluye con la sugerencia de que el mundo de la vida cotidiano está compuesto por una historia de contingencias y cruces y de una verticalidad que, sin comprometerse con la idea de un último arché, tiene un centro que, sin embargo, no es idéntico a la subjetividad, sino a es su productor: la estructura y la dinámica de la Différance.

Palabras-clave: Desconstrucción; Différance; Epistemología; Mundo de la vida.

* Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: caio_monteiro_silva@yahoo.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6079-4939>

** Professor adjunto na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: hernani.santos@uece.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5003-4143>



Introdução

Iniciaremos este texto chamando atenção, desde seu início, que a escolha de como iremos conduzir esse trabalho dirá respeito a pensar possibilidades de leitura constituídas a partir da estratégia de Desconstrução inspirada no pensamento de Jacques Derrida (2017), em especial em uma incursão metodológica e que tem pretensões de contribuir com a discussão epistemológica sobre a pesquisa em torno do fenômeno (ou o discurso) em ciências humanas. Uma leitura que considere o pensamento derridiano residirá na valorização e reposicionamento daquilo que em outras tradições do conhecimento seria tomado por mero detalhe, ou apêndice ao que poderia se inferir como central. Estes elementos, que, muitas vezes, foram colocados às margens do efetivamente significativo de um trabalho, resgatam sua importância nas leituras de inspiração derridiana. As obras escritas por Jacques Derrida (1991;1995; 2001a; 2001b; 2004; 2006; 2007; 2017) permitem-nos, situados em suas reflexões, apresentar pistas e rastros para compor e constituir uma estratégia de leitura¹, compreensão e incisão sobre a realidade – aqui por nós também tomada como um texto ou tecido. É por meio desta estratégia que propomos a aproximação entre texto e mundo da vida, no sentido fenomenológico tal como foi elaborado por Husserl e que permite uma articulação teórica sobre a realidade enquanto produção histórica e intersubjetiva (ver, por exemplo, Husserl, 2012).

Destacamos, desde já, que se permitir atravessar pelo pensamento derridiano consiste em chamar atenção para o fato de que a centralidade e aquilo que se desdobra em suas decorrentes posições constitui-se sempre como uma hierarquia violenta que descaracterizaria o movimento da *Différance* da qual partirá o filósofo franco-argelino para identificar as desestabilizações presentes na própria estruturação arbitrária dos textos, tecidos e realidade. Assim, consideramos que ao contrário do que se poderia imaginar e supor partindo-se de uma experiência tradicional de leitura, esses dois primeiros parágrafos em si não são preparações para aquilo que virá em seguida, são eles mesmos também igualmente significativos ao seguimento que se dará a este texto. Desta forma, a oposição centro e margem, a qual designa geralmente um valor distinto que se atribui às partes do texto, não nos representa por já nos inserirmos em certo itinerário da escritura, o qual se mostra como incompatível com essa tradicional forma de hierarquização de valores sobre a realidade. Tudo o que será escrito daqui em diante, como tudo aquilo que já foi apresentado nas partes iniciais deste texto, já estão previamente contaminados pela escolha de nossa maneira e forma de operar essas incisões no tecido/texto da realidade de forma a constituir um esforço propositivo de princípios que possam servir de referências a um modo de interpretação em específico.

Este modo de apresentação de leitura pretende destacar fronteiras, confrontos e margens. Situar-se nessa estratégia de leitura atravessada pelas questões derridianas significa mobilizar reflexões que contribuam para a retomada do aspecto dinâmico, conturbado, pouco delimitado e contaminado – para não dizer, de certa forma, “sujo” – dos fenômenos a que se ambiciona ler. Tais reflexões destinam-se a apontar na direção da condição de arbitrariedade das posições que prontamente ocupamos e com as quais, partindo delas, sentimo-nos capazes e seguros para atribuímos usos e significados a todo tipo de utensílios e obras de nosso mundo vivido. Dito isto, consideramos que algumas posições mais tradicionais marcadas por certo caráter asséptico, ou seja, de limpeza e “ordem”, que não correspondem necessariamente a produções, trabalhos e escritos mais rigorosos. A posição que assumimos neste trabalho diz respeito a ocupar em um só gesto uma espécie de duplicidade configurada na suplementação entre leitura e escritura. Esse caráter duplo é bem descrito por Derrida em *A Farmácia de Platão* (2017) destacando que toda leitura, para não ser estéril, precisa também ser uma reescritura daquilo que foi lido.

Assim, destaca-se que ler, no sentido derridiano, é já assumir uma autoria que se apresenta pela própria desconstrução de outras duas posições de leitura sendo necessário sustentar o tensionamento, o movimento, ou o jogo entre elas. A primeira posição diz respeito àquele que não entendeu nada do que leu e por isso pode se sentir autorizado a acrescentar algo ao texto, ou tecido, de certa forma a reescrevê-lo não importando com o quê, em uma espécie de *furor sanandi* textual. A segunda apresenta a posição totalmente relacionada com a prudência metodológica, às normas de objetividade e ao estatuto do saber (Derrida, 2017), tal como, por exemplo, em uma leitura exclusivamente estruturalista do texto. Ambas as posições expressam a sua esterilidade. A primeira por não conseguir unir nada dos pontos da costura fazendo com que essa escritura, aportada ao tecido inicial apresentado pela leitura, não se mantenha pela fragilidade de seus fios. A segunda porque porta “demasiado respeito” pela costura já trabalhada em que o sujeito que olha para a costura se põe em um

¹ A definição de “estratégia de leitura” aqui deve ser considerada *vis-à-vis* a ideia de desconstrução. Trata-se não de um método ou sistema de investigação, ou de uma forma de análise ou crítica, mas de um gesto ou, então, de uma estratégia que é interminável e disruptiva quanto à estrutura de um campo de significação e que coloca em jogo as hierarquias que estão implicitamente contidas nas oposições deste campo. Ao mesmo tempo, trata-se de uma estratégia de *leitura* porque, conforme a filosofia derridiana, a desconstrução da metafísica passa pela inversão da hierarquia clássica entre a fala e a escrita; assim, deve levar em conta o texto, que, como tal, deve ser “lido”. Para as oposições quanto a método ou sistema de investigação e a análise ou crítica, veja-se Wortham (2010, p. 31 e ss.). Para as diferentes formas de esta estratégia se colocar, para as dificuldades de sua definição pela via da identidade e sua relação com o “evento”, veja-se Lucy (2004, p. 11 e ss.)



lugar de impedimento abdicando de pôr ou acrescentar novos fios a esta mesma costura. Limita-se, portanto, a mera repetição do já posto, quando muito repõe, coloca de novo a própria costura, leitura e interpretação de modo a reescrever o lido sem ali nada acrescentar. Nesse sentido, para nós, a relação entre leitura e escritura diz respeito à condição de reciprocidade suplementar (no sentido derridiano), segundo a qual apenas é possível ler caso, de alguma forma, nos coloquemos a reescrever o texto lido, desdobrando-o, mas também apenas se esta *reescritura* mantém possibilidades de conexão e sustentação com o texto lido. Poder-se-ia afirmar, então, que – em sentido derridiano – um texto diz mais respeito ao que não pode ser dito sobre ele do que aquilo que pode ser efetivamente dito.

As duas posições acima podem ser retomadas como duas formas de vínculos impossíveis, uma por conta das conexões frágeis que não se sustentam e a outra, por não propor nada de novo para se conectar e vincular ao texto original. Com isso, queremos dizer que o estatuto da escritura impõe relações de negação ao que pode a ela querer se conectar (conexões e aproximações que nada dizem respeito ao que está escrito), como também se abre para vínculos novos. Entretanto, estes novos vínculos não podem ser apenas a repetição do já posto, como alguém que recobre com o lápis o texto já escrito. Pois, por um lado, o texto nega as articulações que a ele nada dizem respeito e, por outro, abre-se para que seja desdobrado em outras possibilidades, interpretações e desencadeamentos. Dessa forma, em um primeiro momento, propomos pistas para uma leitura derridiana do fenômeno que, enquanto tal, demonstra possuir uma estrutura textual. Para tanto, consideramos a centralidade do conceito de *Différance* e como ele indica a possibilidade de um objeto de análise da estratégia desconstrucionista – a errância do sentido, que considera, simultaneamente, sua dinâmica e estrutura. Na sequência, procuramos definir esta perspectiva de leitura como uma estratégia de análise/leitura do mundo da vida, mostrando como pode o conceito de realidade enquanto texto contribuir para esta discussão. Terminamos, por fim, com uma tentativa de síntese dos elementos fundamentais dessa estratégia.

A Errância do Sentido: Propostas para uma Leitura Derridiana do Fenômeno

Do que se trata, então, a leitura a partir das reflexões de Derrida? Trata-se inescapavelmente de lidar com a *Desconstrução* como estratégia, pensando com a *Différance*. Conforme Derrida (2001a) explicita em sua obra *Posições*, a *Desconstrução* tratará de uma análise econômica da *Différance*. Em *Margens da Filosofia*, ele (1991) disserta sobre a dificuldade de onde começar a falar sobre a diferença, posto que, de certa forma, abordar a diferença poderia implicar traçar, de alguma maneira, um ponto de partida com características que se pretendessem absolutas.

De que origem ou ponto, então, deve-se partir? A proposição de um ponto de partida ou origem poderia vir de uma ideia neutra, exterior, desfilada ou mesmo desvinculada de quem atribui aquele ponto como originário? Ora, desde os pré-socráticos, pelo menos, a Filosofia buscou a “origem”, a “*arché*”. Para Derrida (1991), contudo, não há possibilidade de que uma verdade transcendente comande a totalidade do campo em que estamos situados. Dessa forma, a origem pura, asséptica, destilada, ou mesmo, em certo sentido, marcada por uma experiência de eternidade – como se estivesse estado lá desde sempre, independente das relações que se estabelecem no mundo e com os sujeitos do mundo, orientando e conduzindo os contornos da realidade em condição teleológica –, nada mais é do que uma arbitrariedade.

Assim, como se pode falar ou trabalhar com a diferença se não temos um acesso direto a um ponto seguro de orientação? Como pensar a diferença se todo “original” apresenta alguma medida um grau de arbitrariedade? Se esse ponto, portanto, não nos permite a confiança necessária para tratar da relação entre o original e aquilo que difere do original, como podemos pensar a diferença? Derrida (1991) assume aí uma posição estratégica de trabalhar com a errância do traçado da diferença, sendo essa a sua maneira de abordá-la. Entretanto, para melhor abordá-la, Derrida (1991) demarca, através da modificação de uma letra na palavra “diferença” na língua francesa, a maneira de designar essa mudança inaudível, ou quase inaudível, no sentido de imperceptível, mas que nem por isso exime-se de deixar algum tipo de marca. A passagem da palavra *Dif-férence* para *Différance* tem na letra “a” esse rastro muitas vezes despercebido, porém presente.

Pensar estrategicamente a diferença em sua errância é pensar com e através da *Différance* que abre um campo de possibilidades em que a própria diferença não se torne ela mesma um conceito encerrado por si. A diferença pode, dessa maneira, ser pensada em seu aspecto dinâmico, entendida como uma espécie de movimento. Para Derrida (2001a), a *Différance* seria o movimento de diferir, o qual pode se apresentar em diversos sentidos, nos quais podemos perceber seus rastros – retardo, delegação, adiamento, reenvio, desvio, prorrogação, reserva –, subordinando inclusive a presença². Esta experiência de duração e permanência em que as coisas aparecem da forma como aparecem. Neste sentido, pode-se entender que a diferença em seu ato de diferir – a *Différance* – é que seria, neste caso, a “realidade primeira”, na qual o seu *continuum* de diferenciações é que permite um recorte, ou mesmo circunscrição ou captura de algumas de suas nuances como efetivação

2 Neste ponto, cabe sublinhar que há um diálogo da proposta derridiana com aquela de Heidegger. Em sua obra *Ser e tempo* (1927/2012), Heidegger pontua sobre a diferença existente entre o ser simplesmente presente à vista, ou o ser simplesmente dado, e o ser marcado pela instrumentalidade. No seu modo de diferir, sobressai o fato de que são modos de aparição distintos que se emolduram pelo que o autor chama de “circunvisão”, uma espécie de visão contextual da situação, correlata a um modo de intencionalidade particular. Além disso, a maneira como, em cada caso, destaca-se a relação entre o modo de ser e o tempo é fundamental para o argumento heideggeriano. Pois, o esquecimento do Ser, destacado por ele, vem puxado pela metafísica da presença, para a qual a temporalidade do *Dasein* fica esvanecida.



das experiências que nomeamos através da tradição em que nos inserimos a partir de um tempo histórico em específico, estando marcadas pela presença.

Esta incisão sobre o tecido da realidade, ou sobre o texto, dirá respeito ao modo como se relacionam objetos e práticas. Coloca-se, então, uma relação discursiva que se apresenta como uma assinatura pertinente a uma filosofia como modo de expressão, posta como uma costura que sustenta uma totalidade prático-produzitiva circunstancial, ou seja, relacionada a um momento histórico específico. Importante destacar que, mesmo que estejamos falando em algum sentido de uma ação de sujeitos na produção de um tipo de pensamento de ordenamento sobre o mundo, é necessário destacar que essas ideias não são autônomas em relação ao tempo em que são pensadas; é, portanto, a filosofia um dos redutos de consistência às estruturas simbólicas e culturais de uma época. Com efeito, a filosofia é fundamentação e justificativa dos modos de produzir e de agir a que todo agente pertencente a este processo histórico se refere (Dussel, 1994).

Assim, pretendendo tornar mais claro o que queremos dizer: entendemos, juntamente com Derrida (1991), que a presença só é possível a partir daquilo que é diferente dela, que de alguma forma se distancia e, portanto, apresenta características não coincidentes com ela – a presença –, diferindo em características que compõem aquilo que não é presente com outra espacialidade e temporalidade. Trata-se de assumir que a presença é um movimento da diferença em que arbitrariamente ocupa-se e situa-se e na medida em que se ocupa e se situa passa a constituir-se não mais como fluxo, ou como errância da diferença senão como identidade sob as quais os outros fluxos serão tomados por diferentes. A lógica impressa em certo entendimento de complementariedade ou possibilidade com o que se lê os fenômenos da realidade ou do texto, tecido ou tecitura de uma escritura serão tão somente constituídas tardiamente, tendo sua própria logicidade possível após sua estruturação assumida deliberadamente como posição, origem, essência, verdade, etc.

Ao entendermos a *Desconstrução* como uma análise econômica da *Différance*, é, portanto, a análise dos fluxos da diferença, em que ela – a diferença – é tomada como o próprio fundamento desta mesma análise que nos interessa. A investigação com ou a partir desse *quase-conceito*, como nos dirá Derrida (2006) – uma vez que a diferença não se encerra em um conjunto de assertivas que possa substancializá-la, sendo possível apenas o contato com seus vestígios e efeitos –, trata de analisar as marcas e os rastros da diferença relacionando-os com a forma como esses fluxos se estruturaram em determinadas posições e os sinais que, porventura, já anunciam a erosão destas mesmas posições.

A *Différance* é uma espécie de operação que joga entre o genético e o estrutural (Derrida, 2001a). Ela ocupa um lugar de tensionamento dentro da epistemologia das humanidades do século XX. Por um lado, o “genético” remete às análises que procuram o substrato do fenômeno e a cadeia pela qual ele é montado ou construído, como nas análises husserlianas tardias, na análise marxista ou, ainda, nas análises funcionalistas. Por outro lado, o estrutural remete ao sistema de pensamento estruturalista que ganhou forma no contexto das humanidades através da linguística de Saussure e da antropologia de Lévi-Strauss. Sendo assim, sem se reduzir a qualquer um destes dois formatos de análise, a diferença é genético-estrutural no sentido em que é, em seu movimento, o próprio “material”, ou os insumos – se assim quisermos –, que serão utilizados para as obras de estruturação, que posicionam algo no mundo.

A diferença, nesse movimento de diferenciação, de diferenciar-se, opõe-se aos posicionamentos, opõe-se às posições³, por ter na dinâmica o seu próprio fundamento que, em algum momento, ao se posicionar, já denuncia a prisão do movimento que passa a ser cercado em uma forma de “campo” – com tudo o que implica considerar um fenômeno enquanto todo estruturado em um campo de forças e posições. Este campo funciona em regularidades, que são os próprios limites que o circunscrevem, dando um caráter estrutural. Toda regularidade seria, então, um efeito do movimento da diferença que foi aprisionada por uma força aplicada para parar o movimento. Uma força que posiciona. Uma aproximação do jogo entre a dinâmica da diferença no ato de diferir e seus possíveis posicionamentos pode ser mais bem compreendida pela noção de *arquiescritura*. Esse jogo que se dá pelo movimento implicado da *Différance* e a deposição dos vestígios desse movimento, os quais se estruturam e se organizam pelo caminho. Para Derrida (2006), a *arquiescritura* não é algo já posicionado e, também, não é o movimento puro da *Différance*; mas aquilo que dá condições à diferença de ser tomada ou percebida como diferença, notada, certamente, nos efeitos de sua produção.

Entendemos, então, a *arquiescritura* como a possibilidade de articulação de todo e qualquer sistema que organiza semelhanças e distanciamentos dessas semelhanças em escalas de diferenças. Tal sistema de proximidades e distanciamentos se dá a partir da deposição de algo desse funcionamento da *Différance* que finda por ficar retido, ainda que minimamente, assim constituindo um rastro ou uma marca que representa e apresenta este algo que ali se depositou, estando ali posicionado. Contudo, no mesmo instante, essas marcas e rastros são “apenas” a representação ou o vestígio do movimento da *Différance*, não sendo, portanto, a própria *Différance*. Os rastros, os vestígios e as marcas, diz Derrida (2006), são as obras pelas quais algum tipo de sentido se torna possível diante da diferenciação entre o que se depositou em uma posição e aquilo que continua a movimentar-se, a escapar, a fluir e que, por isso mesmo, apresenta estatuto de diferença. A *arquiescritura* constituiu-se, então, de um jogo no qual é a distância entre posição e movimento, entre estrutura e gênese, entre igualdade e diferença, entre unidade e multiplicidade, apresentada pelas marcas, rastros e vestígios – que já

³ Faz-se notar que o termo “posição” se sobrepõe ao termo “objeto”. Enquanto o termo “objeto” anuncia “algo que se coloca (*jectum*) como interposto (*ob*)”, no caso de “posição” estamos lidando, mais diretamente, com a raiz dos modos de colocação (*jectum*) e, com isso, com um termo mais amplo e flexível.



aponta o distanciamento como condição de todo sistema – e de uma hermenêutica sobre ele. Este sistema se dá por toda uma cadeia de relação e referências entre o lugar arbitrário ao qual se atribui algo como origem, ocasionando seu posicionamento como centro, e as margens que se diferenciam dessa “origem-centro”, posicionando-se como “margem-limite”, porém, de alguma forma, sempre referentes ao centro arbitrariamente posto. Isso está relacionado à estrutura da linguagem enquanto sistema de remissões internas pelos signos arbitrariamente definidos.

Para Salanskis (2015), Derrida, ao analisar o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (2003), entendeu as unidades de um sistema como valores para os quais a identidade é sempre secundária em relação às suas oposições, ou seja, aquilo que se diferencia dela. Para o autor do *Curso*, o signo é sempre arbitrário (Saussure, 2003). Nesta direção, Derrida propõe que as nossas próprias experiências individuais e coletivas, mesmo aquelas mais fundamentais, que poderíamos vivenciar através da forma como significamos as dimensões do tempo e do espaço, são marcas e efeitos da diferença. Estas dimensões podem ser, portanto, também analisáveis pela *Différance*. Mesmo no campo da física, a ideia de movimento geralmente vinculada à ideia de velocidade representa a relação entre tempo e espaço presente na ideia de que a velocidade se estabelece por uma razão entre a variação do espaço sobre a variação do tempo, ou seja, o movimento está intimamente vinculado a um espaço que se diferencia e a um tempo que também se diferencia, sendo o produto dessa relação.

O exemplo acima é importante para nós, pois destaca como as formas de apresentação da realidade parecem dizer respeito a um produto ou a uma relação. Embora a ideia de produção ou de relação sejam comuns a outras matrizes das ciências humanas, como o construcionismo social, por exemplo, do ponto de vista da desconstrução trata-se mais de o entendimento ou a experiência que temos da mudança ocorrida se revelarem pelas marcas da mudança ou da diferença. A reordenação do espaço pode ser vista em referência a adjetivações de sentido referentes ao lugar em que algo que se posicionava antes e depois. Isto torna-se visível pela marca da diferença atribuída ao conceito de passado – no passado estava aqui e agora está ali. Da mesma forma, as palavras retrógrado, conservador ou progressista dizem respeito à localização ou à posição de algo no espaço sob a orientação do tempo, sendo também demarcadores e rastros do movimento da diferença. Em outros termos, o que há de se analisar são os produtos enquanto efeitos da linguagem, por metonímia e metaforização. Coloca-se, inevitavelmente, o lugar dos significantes, cujos efeitos fazem-se observar no deslize, no deslocamento, na condensação etc., do sentido. Face à perspectiva fenomenológica mais husserliana, suplanta-se o papel do sujeito transcendental pelo da cadeia de significantes e suas produções.

De que forma se manejará os fluxos da *Différance*? Estes serão manejados de forma a fazer justiça às dinâmicas do diferir, assim trazendo para aquilo que se posicionou estruturalmente, ou mesmo contra o jogo de dominância da estrutura, o que precisou ser expulso a fim de serem mantidas as “origens”, “essências” e “posições”. Construir a possibilidade de abrigar aquilo que foi abandonado é então a forma de fazer constar e aparecer os rastros do movimento do diferir que se faz querer invisibilizar, produzindo, com isso, uma estabilidade arbitrária diante do que se movimenta.

Desconstruir não é Destruir e nem Restaurar: Como se constrói uma Ruína?

Um monge descabelado nos disse no caminho:

Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro (O olho do monge estava perto de ser um canto). Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo (Barros, 2010, p. 385).

Com inspiração no poema de Manoel de Barros, embora muitas interpretações possam a ele ser atribuídas, gostaríamos de focar na experiência evocada em nós ao destacar, mais que tudo neste momento, a aparente relação de contradição, ou, pelo menos, de ambiguidade entre termos. Nesse jogo entre construir algo decomposto, como uma ruína, em um primeiro momento, pode-se apresentar uma sensação de estranhamento. Ora, mas é na instabilidade das ideias lógicas, as quais sustentam conceitos com algum grau de oposição – isto é, construção e ruína –, que pode, para nós, colocar-se certa experiência de movimento. Trata-se da questão sobre como uma construção torna-se uma ruína, ou como uma ruína foi uma construção.

A construção pode nos remeter à ideia de abrigo, já que tem, em seu sentido, o próprio abrigar algo. Esta é uma interpretação, aliás, que pode remontar a como Heidegger (2001) interpreta o habitar, embora também possamos pensar a tensão interna do habitar. Pois a ruína, que, certamente, é alguma coisa, apresenta sua experiência justamente pela perda da capacidade de abrigar algo. Na perda do abrigo, constitui-se a presença pela qual a ruína se mostra como ruína. A ruína abriga o abandono. Uma ruína só é uma ruína quando ela não



é mais um abrigo. Aqui se coloca em evidência o jogo de presença e ausência entre construção e ruína, entre abrigo e abandono.

O abrigo só mantém sua condição de abrigar se os abrigados mantiverem cuidado com o próprio abrigo, enquanto uma construção que não é apenas da ordem da coisa, mas, também, do Ser. Se o abrigo é abandonado em cuidados, se o abrigo não é também abrigado, ele se movimenta pela extensão do abandono, tornando-se ruína. E, tornando-se ruína, os abrigados o abandonam, estando, portanto, a construção presentificada de abandono e posicionada experiencialmente como uma ruína. Mostra-se, a um só golpe, a experiência do desenraizamento, também comentada por Heidegger (2001), em texto já citado.

Nesta dinâmica é que se torna possível perceber como revisitar certas oposições de ideias, o fundo de algumas figuras, a ruína de algumas construções, não para destruí-las, mas para organizar novas figuras. Certamente, isso de tal forma que nosso conceito de fundo seja capaz de abranger não apenas aquilo que, indistintamente, não contribui para a formação das figuras, mas como os horizontes de sentido não temáticos que contribuem para a formação do sentido da figura. Revisar o construído, ou o abrigo, para apontar movimento do que, no ato da construção do abrigo, foi abandonado e para, ao mesmo tempo, no revelar desse movimento, abrigar nas rachaduras da construção isto mesmo que foi abandonado, dando abrigo ao abandono.

O pensamento derridiano é frequentemente relacionado ao campo dos pensamentos pós-estruturalistas e, portanto, presta-se a questionar os elementos tradicionais do pensamento ocidental, sendo discurso importante nas reflexões sobre o estatuto de objetividade da ciência, na crítica ao conhecimento filosófico, literário e, por fim, acarretando repercussões políticas. Esses elementos do pensamento derridiano são abordados por, dentre outros, Júnior (2010), Meneses (2013), Wolfreys (2012) e Williams (2013).

A Desconstrução como Estratégia de Leitura do Mundo da Vida

A *Desconstrução* seria um tipo de estratégia – epistemológica e metodológica. Essa estratégia, por sua vez, seria uma espécie de formulação de um duplo gesto, em que, por um lado, os elementos que compõem o texto a ser desconstruído apresentam uma escrita desdobrada, uma unidade sistemática e simultânea de afastamento de si mesma de elementos que lhe fazem relação (Derrida, 2001a). E, por outro lado, esses elementos afastados ganham a sua relevância própria, pois possibilitam, justamente, o desdobramento de uma escrita que encontraremos nas fissuras da estrutura já construída.

Nesse sentido, o anúncio da questão ou sua proposição, pelo menos no entendimento de Derrida (2001a), já teria sido colocada por Heidegger naquilo que ele se prestou a pensar a respeito das diferenciações, mas também relações entre as dimensões ônticas e ontológicas. O que nos parece substancialmente diferente na proposta de Derrida (2001a) é o trazer para pensar, nas condições da cotidianidade mundana e nos processos constitutivos da compreensão de um modo existencial específico, aqueles elementos que se alienaram na construção do horizonte pelo qual nós passamos a olhar e interpretar o mundo, ou seja, uma espécie de “recalque”, se podemos utilizar esta expressão, dos horizontes de sentido.

Em diálogo com a fenomenologia de Husserl, podemos ponderar que o mundo da vida cotidiano – o *Lebenswelt*⁴, com os seus objetos e utensílios, poderá se prestar a ser lido a partir de um exercício de Desconstrução. As formas de apresentação do nosso mundo e de seus significados podem, assim, ser reconhecidas a partir da função distintiva entre sua apresentação e seu oposto, sendo essa oposição a invisibilização de uma marca da diferença, a qual, muitas vezes, não se dá a aparecer. Entretanto, como destaca o próprio Derrida (2006), um texto, ou como em nosso entendimento – o mundo da vida – é conhecido muito mais pela função distintiva presente nas suas oposições conceituais do que propriamente por aquilo que os conceitos tentam representar. Desta forma, os textos estão sempre dizendo o que está presente neles, mas, alojadas ou hospedadas em sua interioridade, também estão marcadas as relações a que eles se opõem e que dizem respeito também ao seu sentido. O que sugere, aliás, que o texto é o abrigo do qual nos fala Manoel de Barros e, portanto, “mundo”, a partir de onde se erige o habitar e o construir.

Fazer “justiça” a um texto é, de alguma forma, desvelar a coexistência de uma hierarquia violenta em que o termo presentificado ocupa um lugar mais alto ou de comando sobre o termo ausente, quando sua própria presentificação depende dos elementos ausentes a que se opõe a presença (Derrida, 2001b). Com isso, queremos dizer que uma estratégia de investigação apoiada na *Desconstrução* derridiana diz respeito a tomar a realidade⁵ como um texto, como um tecido, no qual a leitura é uma espécie de incisão ou corte capaz de penetrar e atuar nos seus fios ou fibras (Derrida, 2017). É possível traçar como um certo programa de interesse investigativo e de leitura a interioridade dos próprios textos e conceitos presentes na sociedade em que temas, categorias ou elementos sejam colocados em posição de centralidade, de tal forma que se propõe uma releitura do próprio conceito de realidade, comumente predicado pelo eixo do psíquico ou do social, através

⁴ Considera-se aqui este diálogo como preliminar e como necessitando ser aprofundado em futuros estudos. Para todos os efeitos, há que se pontuar uma diferença de posição interpretativa no seio da própria *démarche* fenomenológica. Enquanto o mundo da vida husserliano, por um lado, faz apelo a uma subjetividade transcendental e operativa, quer seja o da mônada ou da intersubjetividade, tal como ele o coloca em “*A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*” (Husserl, 2012) e em seus textos tardios, o “mundo” heideggeriano, conectado ao ser-no-mundo, é histórico em um sentido forte, de tal forma que as construções de sentido, apesar de atravessarem o ser-aí (*Dasein*) e o interpelarem, não exigem sua intervenção para acontecerem e, portanto, prescindem da subjetividade transcendental para serem analisados.

⁵ Parece conveniente esclarecer que “realidade”, neste contexto, não tem um sentido empirista ou realista, da coisa em si ou daquilo que se tem contato pelos sentidos, mas, fenomenologicamente, do horizonte de mostração da coisa.



da noção de texto e a desconstrução se torna uma estratégia privilegiada para estudá-lo. Constrói-se assim um itinerário reflexivo sobre os sentidos que podem advir do confronto entre o que se alçou ao lugar de centro e seus contrapostos conceituais que foram suprimidos. Nesse jogo de presença e ausência, em que algumas ideias são colocadas hierarquicamente como mais valorosas do que outras em nossa sociedade⁶, é que se pode pensar seus possíveis efeitos, contra o que essas ideias se colocam e que revelam a própria necessidade da elevação dessas ideias a valores centrais.

Com efeito, na estratégia desconstrucionista, a leitura do mundo da vida é distinta daquela de Husserl e de Heidegger. Por um lado, para Husserl, a *arché* depende do sujeito transcendental, seja ele mônada ou intersubjetividade, tudo remete à intuição doadora de sentido (Husserl, 2006). E, para Heidegger, a *arché* é o horizonte histórico que atravessa a historicidade do *Dasein*, embora se esconda enquanto horizonte em sua dialética de mostraçã e ocultação (Heidegger, 1927/2012). Em Derrida, por outro lado, encontraremos a noção de fenômeno enriquecida e ampliada, de forma a incluir (ou ser substituída por) a dinâmica de deslizamento de sentido, e isto, justamente isto, exige uma metodologia própria, uma estratégia própria, que prescindir do recurso à *arché*. Esta estratégia deve ser capaz de revelar, pois, não (a) uma subjetividade, nem (b) os cruzamentos de horizonte histórico e temporalidade do *Dasein*, mas (c) uma dinâmica do mundo da vida enquanto texto.

A Arquitetura da Estratégia Desconstrucionista

Apresentaremos, a seguir, alguns dos elementos fundamentais dessa estratégia que nos servirão como pilares para a execução de tal empreitada. A *Desconstrução* foi um termo utilizado pela primeira vez em 1967, no livro *Gramatologia*. Este termo foi tomado emprestado da arquitetura e se relaciona à decomposição e deposição estrutural. Em analogia, o pensamento derridiano segue um movimento semelhante ao fazer arquitetônico e consiste em mexer nas estruturas de um pensamento hegemônico e dominante sem, no entanto, destruí-lo (Derrida & Roudinesco, 2004). Para Derrida (2006), a relação entre fala e escritura serve como metáfora para pensar toda a organização da sociedade ocidental que, na sobrevalorização da escrita fonética (alfabeto), produziu ordens de comando e organizou a cultura em torno de um logocentrismo, em termos de prevalência da escrita (linguagem), do *logos* (filosofia) e da lógica (ciência). Então, se Derrida aponta para a prevalência de relações é porque reconhece seu espaço de construção, já que havia outras possibilidades em jogo. No entanto, uma dessas possibilidades, assim como no binômio fala/escritura, é colocada como centro e passa a nortear as relações no mundo a partir das regularidades do termo colocado como centro. A questão, portanto, daquilo que é colocado como elemento central – e, por consequência, ordenador das relações com o mundo – passa a ser objeto de interesse para a *Desconstrução*.

As últimas consequências da *Desconstrução* nos levam, desse modo, a entender que o centro, ou os elementos colocados na centralidade, como nos alerta Derrida (2006), não tem nenhum significado essencial, nenhum sentido originário, nenhum fundamento primeiro, nenhum contexto ordinal nessa relação de pares. O princípio que norteia a *Desconstrução* dos centros é, em parte, saussureano, como admite o próprio Derrida (2006), e tem sua base no fato de que um significante é reconhecido pelo significante que se lhe contrapõe. Neste sentido, trata-se sempre de um campo em formação e formado em razão da estruturada configurada pelas relações de oposição entre os seus elementos e pela centralidade de alguns destes. Desta forma, se um termo é tomado a partir daquilo que lhe faz oposição, as relações binárias tornam complicada a geometrização de um dos termos no centro. Poderíamos pensar na metáfora visual da conversa entre dois amigos que, embora pudessem se deslocar pelo ambiente, jamais seriam centro um para o outro, a não ser pela adição de mais um termo. No entanto, se um dos termos se centraliza, pode-se refletir acerca do significado desta ação, e sua centralização só é possível na medida em que o outro termo se torne ausente.

Logo, percebemos que o centro se encontra dentro e fora de uma estrutura, já que contém em si mesmo as marcas do elemento ausente que lhe faz oposição e compõe sentido. Para Derrida (1991), se o centro só ganha sentido em seu aspecto imutável é porque carrega em si a ideia de uma verdade metafísica, de um lugar originário e regente de todas as demais coisas do mundo, e é justamente por isso que deve ser posto em questão no processo de *Desconstrução*: o centro não é uma entidade ontologicamente fundante, ele é uma produção do pensamento ocidental. Dita produção, que ancora termos binários em centros, produz um tipo de hierarquização a partir de regimes de visibilidade/invisibilidade, presença/ausência, em que os termos presentes e visíveis, na perspectiva de Derrida (2006), são sempre tomados como superiores aos que não têm existência presentificada. “A linguagem é uma estrutura – um sistema de oposições de lugares e de valores – e uma estrutura orientada” (DERRIDA, 2006, p. 264).

Diante do exposto, necessitamos ainda demarcar um ponto que nos parece demasiado importante neste processo. Apesar de todas as críticas, Derrida (1995, p. 233) não propõe a superação das organizações de sentido lógico, já que para ele: “[...] não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar”. A *Desconstrução*, como estratégia, opera nessa relação ambígua que age sobre as estruturas, mas não as destrói completamente, pois sua destruição – ou superação, no sentido do esquema de pen-

⁶ Aqui, aproximamo-nos da discussão em torno do conceito de “hegemonia” (cf. Laclau & Mouffe, 2001) e da estrutura hierárquica de discursos produtores de subjetividade na sociedade.



samento derridiano – seria apenas uma renovada articulação de presenças e ausências. Deste modo, Derrida (1991) afirma que é no princípio da diferença, sem o qual os elementos não adquirem sentido, que os próprios elementos se encontram marcados pelos rastros dos elementos ausentes e, de tal feita, o autor aponta que uma pretensão de centros parece débil, já que eliminaria o elemento organizador do sentido.

A metáfora de Vasconcelos (2003, p. 74) nos parece bem elucidativa no que diz respeito ao movimento de *Desconstrução*:

O pós-estruturalismo [derridiano] utiliza a teoria estruturalista para questionar e tornar problemáticas – mas não negar – as premissas do próprio estruturalismo. Nesse sentido, o pós-estruturalismo, em relação a seu predecessor, poderia ser metaforicamente comparado a alguém que avança numa piscina cada vez mais funda até que seus pés não mais possam tocar o chão. Quando o estruturalismo ‘perde o chão’, penetramos no domínio pós-estruturalista.

Retomaremos, então, ao que para nós são pilares centrais que podem constituir o exercício de uma estratégia de *Desconstrução*. A *Desconstrução* reconhece as relações de hierarquização entre termos a partir da relação presença/ausência, em que o termo presente é tomado como elemento central e estruturante nas relações com o mundo. As relações de sentido se estabelecem a partir de um princípio de diferenciação entre termos pela oposição entre eles. Não há uma compreensão de um termo, ou sentido original, fundamental ou naturalmente principal. Os termos centralizados tornam-se objetos privilegiados para a *Desconstrução* e ela se faz a partir das próprias relações apresentadas e estruturadas, na interioridade das estruturas que se deseja desconstruir.

Torna-se preciso, portanto, de forma inicial colocar-se em uma situação de padecimento a qual Derrida (2001b) chamou de “mal de arquivo”. Estar nesta condição significa estar afetado e contaminado pela necessidade de incessantemente e rigorosamente procurar no arquivo aquilo que nele se esconde. É preciso buscar e encontrar nele os outros textos a ele costurados, e que lhe dão condição de existência. Nestas costuras, busca-se alguma coisa em que ele, o próprio arquivo, o próprio texto, a própria realidade anarquize-se. Ora, percebe-se que, com isso, “estoura-se” a noção tradicional de realidade, pois abandona-se o primado da presença para, então, lidar com o primado do campo que organiza presença e ausência e cujo modo de funcionamento é da ordem da ocultação.

Assim, correndo certo risco de simplificação, mas no intuito de contribuir com os elementos necessários à constituição de referências para um exercício de *Desconstrução*, é possível pensar que o primeiro passo dirá respeito à identificação das ideias a que se atribuíram qualidades centrais. Em seguida, a partir do pensamento com a *Différance*, perseguir os rastros pelos quais algo se centralizou arbitrariamente e, complementarmente, para que se instabilizem, se anarquizem. A fragilização dessas posições representa certo recobrar de movimento que permitirá, pela ideia do princípio da diferença, encontrar sentidos ainda não desvelados na relação do que é dito por esses textos e o que não é dito, mas que também lhes atribui sentido.

Torna-se possível, então, a inversão da hierarquia dos conceitos centrais encontrados, pensando o termo inferiorizado e trazendo-o à tona para operar o derrubamento da hierarquia naturalizada, “hegemônica”. Entretanto, não se pode parar aí, sob o risco de cair justamente naquilo que é criticado por Derrida, a saber: pode ocorrer de a inversão hierárquica produzir apenas um outro jogo de hierarquias e de presença/ausência. Desta forma, a relação com a diferença, como aponta Derrida (2001a), deve indicar também um ponto de ruptura com a ideia de superação, ou qualquer ideia de hierarquização saindo de uma intenção mais próxima à dialética.

Considerações Finais

Podemos dizer, enfim, que a empreitada final da estratégia desconstrucionista não é, de forma alguma, o estabelecimento de outra lógica de hierarquização para as questões que foram alçadas a elementos centrais da ordem social ou do pensamento. Antes, cabe apresentá-la a partir do que Derrida (1995, p. 248) chamou de jogo, o qual: “é sempre um jogo de ausência e presença, mas se o quisermos pensar radicalmente, é preciso pensá-lo antes da alternativa da presença e da ausência; é preciso pensar o ser como presença ou ausência a partir da possibilidade do jogo, e não inversamente”.

O que se esconde quando se alça algo a ideia de centro, de origem, de essência? O que se revela? Nessa relação centro e margem, da qual se constitui o jogo de oposições que ordenam o mundo, é preciso encontrar o elo ou o elemento invisível do jogo do qual os termos em oposição se conectam. A invisibilidade dessa mola mestra se dá pela cobertura operada pelo elemento central que cobre a história de sua constituição como centro. Com isso, chegamos à sugestão de que o mundo da vida cotidiano é constituído por uma história de contingências e atravessamentos e por uma verticalidade que, sem se comprometer com a ideia de uma *arché* última, tem um centro que, contudo, não é idêntico à subjetividade, mas seu produtor – a estrutura e dinâmica da *Différance*.

Acreditamos que, ao longo do expediente argumentativo deste ensaio, conseguimos demonstrar como a *desconstrução* pode funcionar como estratégia de leitura do mundo da vida, assim expandindo a concepção



deste conceito fenomenológico e o colocando em oposição a outros. Esta proposta foi alcançada por meio de uma apresentação desconstrucionista da ideia de fenômeno e do pensamento derridiano sobre a desconstrução para, então, propor uma leitura desconstrucionista do mundo da vida, em diálogo com Husserl, e, por fim, indicar possíveis caminhos “metodológicos” de sua operação. Neste sentido, foi sugerida uma aproximação entre a desconstrução e a fenomenologia. Contudo, ainda nos parece importante que sejam esclarecidas as oposições e complementaridades entre o pensamento fenomenológico e a desconstrução e que as influências e a constituição histórica desta conexão sejam demonstradas mais rigorosamente. Uma pergunta adicional que se coloca é, certamente, a seguinte: Em que “avança” a estratégia desconstrucionista face às análises fenomenológicas e existenciais tradicionais? Serão dispensadas as categorias fenomenológicas (corpo, tempo, espaço, eu, outro etc.) e passarão a servir a outro propósito? Por fim, também nos parece que estas interfaces podem contribuir para o desenvolvimento do programa de uma “fenomenologia da libertação”, dentro do qual a desconstrução é considerada como uma “hermenêutica radical” (Oliveira, 2010, p. 221), ou de uma “fenomenologia crítica”, conforme Guenther (2021), para quem a fenomenologia é um “método híbrido” e uma “prática pluralista e aberta” (p. 8), enfim, com a inserção da fenomenologia no debate contemporâneo.

Referências

- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya,
- Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- Derrida, J. (1995). *A escritura e a diferença*. (2. Ed). São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (2001a). *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Derrida, J. (2001b). *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Derrida, J. (2006). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (2007). *Força de lei*. São Paulo: Martins Fontes.
- Derrida, J. (2017). *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.
- Derrida, J., & Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã...: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dussel, Enrique (1994). *Historia de la filosofia y filosofia de la liberacion*. Bogotá: Nueva América.
- Guenther, L. (2021). Six Senses of Critique for Critical Phenomenology, *Puncta*, 4(2):8-17. DOI : <https://doi.org/10.5399/PJCP.v4i2.2>
- Heidegger, M. (2001). Construir, habitar, pensar. Em M. Heidegger. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (Fausto Castilho, trad.). Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes (Originalmente publicado em 1927).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Vol. 1). São Paulo: Ideias & Letras.
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. (Diogo Falcão Ferrer, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Júnior, N. C. P. (2010). Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. *Revista Encontros de Vista*, Recife, 5(1): 9-20.
- Laclau, E., & Mouffe, C. (2001). *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*, II ed. London and New York: Verso.
- Lucy, N. (2004). *A Derrida Dictionary*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Meneses, R. D. B. (2013). A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. *Universitas philosophica*, 30(6): 177-204.
- Oliveira, N. Towards a phenomenology of liberation: a critical theory of race and the fate of democracy in Latin America, *Veritas*, 55(1): 206-226.



- Salanskis, J.-M. (2015). *Derrida*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Saussure, F. (2003). *Curso de linguística geral*. (27. Ed). São Paulo: Cultrix.
- Vasconcelos, J.A. (2003). O que é a desconstrução? *Revista de Filosofia*, 15(17): 73-78.
- Williams, J. (2013). *Pós-estruturalismo*. (2. Ed). Petrópolis: Editora Vozes
- Wolfreys, J. (2012). *Compreender Derrida*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Wortham, S. M. (2010). *The Derrida Dictionary*. London; New York: Continuum International Publishing Group.

Recebido em 04.12.2022 – Primeira Decisão Editorial em 11.07.2023 – Aceito em 05.08.2023